

## **BALA PERDIDA**

**Autora: Rosanete Felix**

Cidade grande, é o sonho de muitas pessoas que vivem no exterior

E até mesmo no interior do país,

Aos que vem do exterior, esses vem fugindo do frio,

Vem curtir o carnaval, apreciar as mulatas,

E ter o corpo bronzeado nas belas praias do Rio.

Aos que vem das cidades do interior,

Que ouvem todos os dias som de berrantes e violas,

Levam vidas tão pacatas,

Sob céus estrelados e noites enluaradas.

Para conhecer a cidade grande,

Com certeza por favela terá que passar,

Nem que seja de longe,

Não há como evitar.

Na cidade grande,

De algum hotel de luxo, uma favela dá para avistar,

Tenho saudade da minha vida pacata.

Tão tranqüilo é o meu lugar.

As cidades grandes são rodeadas de favelas,

As carroças dão lugar aos carros, e as trilhas se transformam em vielas,

Que lindo é aquele céu tão negro, com estrelas a brilhar,

Não é como aqui, que vejo suspense e medo no ar.

Agora conhecendo a cidade grande pessoalmente,  
Não consigo ver as estrelas com exatidão,  
O brilho das luzes da cidade ofuscam,  
E deixa incerteza na minha visão.

Não acreditando no que acontece agora,  
Com medo eu me surpreendo,  
Dão tiros para todos os lados,  
Quantos moradores sofrendo.

O céu parece parece estar em festa,  
É o que vejo da minha janela,  
São as balas traçantes cortando,  
Os becos de toda favela.

Olhando para mim, um filete líquido  
Viscoso e vermelho descia pelo meu rosto,  
Existia uma vontade de reagir,  
Eu já não sentia mais o gosto.

Existia uma vontade não minha, era uma angustia sim,  
Uma bala perdida rompeu a parede, e se alojou em mim.

Eu já não sentia mais a chuva do interior,  
Nem o vento e o sol escaldante do Rio,  
Minha pele sentia algo estranho,  
Agora era só o frio.

Eu imaginava que tudo aquilo não passava de um pesadelo,  
Imaginação da minha cabeça, até mesmo um sonho.

Os segundos foram passando,  
Minha boca seca já acusava,  
A criança aos poucos deixava de existir,  
Dando lugar somente a um corpo sem alma.

Enquanto tanta coisa acontece lá fora,  
Mesmo sem querer eu preciso ficar,  
Trancado dentro deste quarto,  
Como se fosse um bandido e tivesse algo a pagar.

Mas como foi triste aquela noite,  
Jamais deveria ter existido,  
De repente eu não via mais a noite estrelada,  
Eu fui gravemente ferido.

Mergulhei num mar de sonhos e fantasias,  
Minha memória parecia ter existido,  
De repente eu não via mais a noite estrelada,  
Eu fui gravemente ferido.

Mergulhei num mar de sonhos e fantasias,  
Minha memória parecia em curtos.  
Ouvia gritos e muitas vozes,  
Meus olhos se tornaram turvos.

Pouco que deu para notar,  
Era um orifício na parede do meu quarto,  
Estilhaçado pelo chão.

Policiais invadem os becos atirando,  
Adultos e crianças correndo,  
E o mais chocante disso tudo,  
São pessoas inocentes morrendo.

Há guerras de todos os lados,  
O mundo parece um nada,  
As pessoas não dão a mínima importância  
No que acontece nas favelas,  
Durante o dia e a madrugada.

Elas se estabilizaram no conforto do seu pequeno mundo,  
Não querem tomar conhecimento,  
Dane-se os outros,  
Sem saber que seus orgulhos,  
Acabam nos esgotos.

Assim formam as batalhas,  
É impossível acreditar que se possa sentir paz,  
No sentido real do seu significado,  
Numa cidade tão voraz.

## **VIDA DE MENDIGO**

**Autora: Rosanete Felix**

Nasceu aqui neste mundo,  
Um pacato cidadão chamado Mendigo,  
E um poderoso chamado Rico.

Vive Mendigo capengando pela vida,  
Sobre olhares curiosos rindo de sua miséria,  
Seus trapos, seus mulambos, trajes de fandangos.

Enquanto Rico nasce,  
Em berço de ouro, bordado de prata,  
Já cresce dono do mundo, do poder,  
Seu dever e conceder as migalhas do seu pão,  
Tudo que quer vem as mão sem sacrifício,  
E até mesmo aos montões.

Nunca passou fome,  
Não sabe o que é miséria, filhinho de papai, sempre será chamado.  
Enquanto esse cresce rodeado de chamegos e agrados,  
Nasce lá numa favela qualquer, ou até nas ruas,  
Uma criança pobre, com pseudônimo de pivete, favelado.

Vivendo num barraco de zinco,  
Na beira da estrada, em cabana de papelão,  
Embaixo das pontes ou nas calçadas,  
Pois quem vai querer um mendigo empregar.

Oh vida sofrida! Preferia ser um cão,  
Pois mais valor alguém ia me dar,  
Eu que poderia ser feliz, cadê a chance que o mundo não deu,  
Eles vivem em toda parte , e ainda há quem pinte este lado da miséria  
E diz ser arte.

Quem sabe a morte será solução,  
Porque aqui neste mundo a sociedade cospe nos mendigos,  
E leva os ricos na palma da mão.

Você sabe o que é miséria?  
Isto eu digo é uma coisa séria.

## O SOL

**Autora: Rosanete Felix**

Olha o sol da manhã, abrindo minha janela,  
Desvirginando a escuridão do meu quarto,  
Me flagrando no ato de acordar,  
No bocejo, no esticar dos braços,  
No enrijecimento do meu corpo quando me espreguiço,  
No sair debaixo dos lençóis,  
Sol mais que atrevido,  
Sol mais que indriscreto.

Por que me pegas de surpresa invadindo meu aconchego?  
E certifica-se de que ainda não lavei o rosto,  
Não tomei meu café, e nem de roupa troquei,  
E ainda ousa me perseguir o dia inteiro,  
No trabalho, na praia, na hora do banho,  
E até almoça comigo,  
E ao entardecer despede-se de mim tranquilamente  
Dando um show de beleza ao partir,  
Por detrás de uma colina,  
No horizonte do mar,  
No fim de uma longa estrada,  
Atrás de um arranha-céu,  
No outro lado de algum lugar,  
Prometendo que bem cedinho pela manhã  
Virá me despertar.

## **AS PRAÇAS**

**Autora: Rosanete Felix**

Nas praças da cidade,  
A verdade suja,  
Passam dias, passam horas,  
Traçando os lixos,  
Restos dos luxos  
Com a força dos punhos.

Nas praças da cidade,  
Onde a noite é o lamento,  
Passam dias, passam horas,  
Correr da chuva e vento,  
A fome e tormento,  
Nas mãos do avarento  
Lento,lento.

Nas praças da cidade,  
Já não se encontra a paz,  
Só a maldade fugaz vive no escuro,  
Gestos impuros,  
Olhares sombrios,  
Andares vadios,  
Frios, frios.

Nas praças das grandes cidades,  
Se vê a realidade pura,  
Mendigos, moleques, pivetes,

Pequenos marginais,  
Passam meses, passam anos,  
Tomando banho em chafariz,  
Dormindo sobre jornais,  
Infernais, infernais.

## **A GEOGRAFIA DO AMOR**

**Autora: Rosanete Felix**

O Amor é um país muito vasto e rico, tem uma população sem fim.

É considerado o melhor país do mundo,

E todas as pessoas procuram ir para lá, para nele se nacionalizarem e morarem até morrer.

Este país limita-se ao norte, pela república da ilusão, que tem como capital a Ingenuidade;

Á leste pelo oceano das lágrimas feito o sal de muitas amarguras;

Á oeste limita-se pelas serras negras do ciúme, onde nasce a grande cordilheira de duras pedras do egoísmo;

E ao sul limita-se pela faixa da mentira, com sua capital desengano.

O clima deste país é abafado, mesmo no inverno, apesar de ser banhado por vários rios, como o da simpatia, que nasce no lago encantado ao pé da serra da saudade.

O maior rio do país é o da franqueza,

Nascendo perto do planalto do paraíso, e suas maiores cachoeiras são sinceridade e confiança.

Inúmeros afluentes banham esse rio,

Como o da amizade, ternura e carinho.

O rio após passar pelas cascatas dos fuxicos, desemboca no mar do casamento onde fica o porta das ilusões.

A maior estrada que corta esse país em todos os sentidos,

Chama-se fidelidade e por ela passam diversos produtos:

Trabalho, dedicação, delicadeza, inteligência, compreensão, união, igualdade e sinceridade.

A maior ilha é a fantasia da paixão, coberta de flores.

A cidade mais procurada e a beleza,

E a coisa mais roubada são os beijos.

## BRASIL

Autora: Rosanete Felix

Brasil

Terra do samba

Da mulata jeitosa

De gente bamba

Terra de capoeira

Do pagode, do forró, xaxado e baião

Brasil de Eliz, Tom Jobim

E Gonzagão

Terra de luar cor de prata

Que ilumina o sertanejo apaixonado

Brasil terra boa

Da cidade maravilhosa

E também da garoa

Terra do bóia fria e do peão

Quem te conhece

Não te esquece mais não

Terra do negro

Do branco e do índio

Terra de tantas misturas e raças

Que dá até para contar

Terra que onde planta tudo dá

Já dizia o descobridor ao te encontrar.

## **EU SOU**

**Autora: Rosanete Felix**

Eu sou o descaminho  
Do meu próprio caminho  
Eu sou a pedra  
Que sobra da estrada  
Eu sou o abismo de muitas vidas  
Eu sou a esperança  
Que não espera nada  
Eu sou a luz que não clareia nada  
Sou a escuridão  
Que das trevas vive rodeada  
Sou o choro  
Da boca calada  
Eu sou o murmúrio  
Do vento vazio  
Eu sou a imagem de uma miragem  
Eu sou o espelho  
Que não tem imagem  
Eu sou passageiro  
Que não tem viagem  
Eu sou o rio  
Que não tem margem  
Eu sou a planta que não tem raiz  
Eu sou a luz pagada no fim do túnel  
Mas um dia eu poderia ser tudo  
Mas não sou nada.